

**TÍTULO**  
TERESA  
SONHO E OUSADIA

**AUTORA**  
Maria Manuel Fonseca  
Dominicana

**ILUSTRAÇÃO**  
Olinda Mota  
Graça Massano

**( INTRODUÇÃO, SEM TÍTULO)**

...Agarrei uns pedacinhos de tempo e  
Caminhei nos arquivos do passado...  
Retirei, suavemente, alguns fios de história e  
Uni -os com pontos de imaginação...  
Bordei flores de ternura, de admiração.  
Coloquei rendas de sensibilidade...  
A jeito de moldura,  
Um arco-íris de cores fluorescentes ... de vida:  
O Desprendimento... a Alegria... o Sonho... a Ousadia...  
O Amor a Deus...o Amor aos homens...  
Pequenos e grandes, pobres e ricos...

O tecido... uma vida real, a de TERESA...  
Vida brilhante  
A iluminar um mundo vazio de estrelas...  
A atrair outras vidas  
A uma vida de Luz...  
A uma rede de Amor...

**(DEDICATÓRIA SEM TÍTULO)**

Às crianças  
Aos jovens,  
A todos os que querem  
ver o Invisível...

Admirar vidas vividas  
Esperanças semeadas...  
Flores colhidas  
Em campos de eternidade...

A todos os que querem  
Acolher no coração,  
a mensagem  
de Jesus em Teresa.

À Madre Maria Manuela dos Anjos,  
Superiora Geral da Congregação,  
No dia em que celebra os 50 anos  
da sua entrega ao Senhor, no projecto de Teresa de  
Saldanha.

## **A FESTA DA VIDA**

Se eu fosse uma estrela lançaria um raiozinho de luz sobre esta história maravilhosa... Mas... tenho a certeza de que o teu coração de ouro reflectirá sobre as minhas simples palavras para as conseguir ler, vendo mais além...

Nasce o dia 4 de Setembro de 1837. O sol baço de um Outono muito próximo rompe sorridente, atirando pequenas flechas entre as nuvens, em mil direcções.

No coração de Lisboa, numa casa muito antiga, o Palácio da Anunciada, vive-se a frescura dos dias novos, cheios de orvalho e de felicidade.

Sabes porquê? Aí nasce uma linda menina a quem chamam Teresa Rosa Fernanda de Saldanha Oliveira e Sousa.

Teresa é a segunda filha de D. Isabel Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos e de João Maria do Sacramento de Saldanha de Oliveira Juzarte Figueira e Sousa.

Que nomes tão grandes, não achas? Nessa época, as famílias importantes tinham nomes muito grandes. É o caso de Teresa e seus pais. Eles eram nobres: os Condes de Rio Maior. O seu pai era descendente do Marquês de Pombal.

Neste palácio centenário, nascera mais alguém de quem já ouviste falar: o grande Marechal Duque de Saldanha, tio de seu pai.

Era este um Lar carregado de afectos. António, o irmão mais velho, tinha, somente catorze meses quando Teresa nasceu.

D. Isabel Maria recebe-a num colo de ternura, com um sorriso aberto e feliz; fita-a nos olhos doces e brilhantes... enquanto vai repetindo, vezes sem conta:

- És a minha jóia preciosa!... Que futuro te espera, minha pequenina?!

Ninguém poderia imaginar que ela iria abrir tantos caminhos de esperança para o país e para o mundo...

Dois anos mais tarde, nasce o José. Os irmãos de Teresa distinguiram-se pela sua grande inteligência e cultura. O José será um cientista e um investigador. Como

Provedor da Santa Casa da Misericórdia promove muitas reformas sociais. O António será um brilhante político e membro da Câmara dos Pares.



Os pais querem que a sua menina entre, o mais cedo possível, numa outra família: a Família de Deus. A 5 de Setembro é a Festa da Luz e da Alegria, na capela do palácio, num ambiente íntimo e afectuoso. Do seu vestido branco, de rendas finíssimas, sobressaem centenas de pequeninos corações. Eram já o anúncio da vida de Teresa. Ela irá lançar uma chuva de amor, em muitas vidas...

D. Isabel Maria olha enternecida a sua menina, passa-lhe com os dedos esguios pelo coração:

– És tão bela, querida!... Nasceste ontem e já hoje te sinto habitada por Deus, desde que, pelo bom Padre José, recebeste o dom do Baptismo, nesta capela que tantas vezes reuniu a nossa família, em festa.

O pai entra no quarto, voltado para o jardim ornado de buxo a brilhar com os raios do sol. Ao lado, a ama leva, ao colo, o António. O Conde encosta a cabecinha do menino ao peito da irmã:

– Beija a mana, beija, filho! Ela tem Jesus no coração...

Ele próprio se debruça sobre a pequenina, em gesto de adoração... No mais profundo da criança terá, certamente, ficado gravado este momento sagrado. Um grande elo de amizade ligará os dois irmãos pela vida fora...

Entretanto, Teresa cresce... Olhos brilhantes, profundos, a quererem comunicar segredos íntimos, cabelo encaracolado dum castanho claro, sorriso aberto, de luz... olhar doce e meigo.

Ainda hoje, ao observar o retrato da menina aos três meses, parece-nos ver, no rostinho emoldurado pela touca, uma rosa a desabrochar, com muito sonho e muita vivacidade.

Ah! É verdade! Não te disse, ainda, que os pais de Teresa lhe puseram o nome de Teresa Rosa por ela ter nascido no dia de Santa Rosa.

Mais tarde, pintará um quadro a óleo, maravilhoso, cheio de cor e sentimento, dedicado a esta santa que ela tomou como protectora.



Um dia, Teresa sai com a mãe. Tem, então, sete anos.

– Aonde vamos, mamã?

– Querida, vamos à igreja dos Inglesinhos. Não é muito longe!

– Que bom! Que bom! – e sorri de felicidade, pois gosta de sair e, ainda mais, de visitar igrejas!... .

D. Isabel Maria, logo ao chegar, conversa com um sacerdote amigo da família, um verdadeiro mestre, rico no saber e no viver.

– Padre Lourenço Richmond, trago-lhe a Teresa para que ela aprofunde mais a catequese que procuro dar-lhe. Peço-lhe, também, que a oriente e aconselhe para mais tarde entrar no mundo.

O Padre estende as mãos doces e, com ternura, acaricia o rosto da menina, enquanto responde:

– Senhora Condessa, é com imenso gosto! Todas as semanas vou dedicar algum tempo à Teresa para lhe dar a formação que me pede, sobre Deus... sobre a vida... Seremos, de futuro, dois bons amigos.

Os olhos vivos da menina riem de felicidade.

– Obrigada, Padre. – responde D. Isabel Maria.

A partir daquele momento, as reflexões sobre Deus caem neste pequeno coração, como a chuva serena e fresca sobre a relva... Quer saber mais, mais, sempre mais... E que alegria!...

Faz a sua primeira confissão a este grande amigo, aos sete anos.



É o dia 13 de Abril de 1848. D. Isabel Maria chama uma das suas criadas.

– Olha, Henriqueta, hoje a Teresa vai fazer a sua Primeira Comunhão. Temos que enfeitar o altar de Nossa Senhora da Conceição, na igreja dos Inglesinhos, com estas flores brancas. Vamos partir já. Está bem?

– Sim, minha senhora. Pela menina farei tudo o que quiser. Ela é um anjo!

Depois da Comunhão, Teresa sente-se envolvida em Deus. Todo o seu coração se veste de festa.

– Mamã, papá, sinto o céu dentro de mim... Sou tão feliz! Uma amizade nova apareceu na minha vida. Jesus irá caminhar comigo... sempre... sempre.

E a lembrança do grande dia nunca fugirá do cofre da sua memória... Pelo contrário, esta luz forte e quente brilhará, nela, muitas vezes irradiando uma nova chama.

A partir de agora, passa a ter um grande amor a Jesus, na Eucaristia. Sempre que sai com a ama esta já sabe que o passeio terá que terminar numa Igreja, porque a sua menina quer sempre visitar Jesus, ali presente.



Teresa cresce para a vida como uma planta à beira de um lago... Em cada dia, uma nova descoberta... É tão inteligente, tão viva! E, como muitos meninos, é tão traquina!... “Sempre a saltitar e com galos na testa, aos pares.”... (1)

– Não corra tanto, menina! – repete, vezes sem conta, a Henriqueta, ama das duas crianças.

E ela será sempre muito viva e brincalhona. Um dia, tinha então catorze anos, o António diz para a mãe:

– Por favor, Mamã, repreenda a mana! “Ela tem catorze anos, mas... ri e salta, nos passeios, como as pequenas de cinco...”

Gosta de usar vestidos bonitos, vistosos... de os mudar muitas vezes, de se enfeitar... e delicia-se em ser considerada bonita...

A menina é muito organizada e responsável. “Aos sete anos, já regista, no seu livro de contas, os gastos da mesada: um fogareiro – 10 réis; esmola – 20 rs; castanhas – 10 rs; um presente à mamã – 400 rs; – resto em caixa – 0.”

Para si, não reserva nada... É tão desinteressada de si própria!

– Apesar do seu temperamento forte, a Teresa é serena... “tem uma tal mansidão e contenta-se tanto com tudo... que, acredito mesmo, terá um futuro muito feliz.” Não acha, João? – exclama a Condessa.

– Eu penso do mesmo modo, Isabel. É uma criança fora do vulgar!...

– A sua educação dá-me uma imensa felicidade... Ela aprende com tanto gosto... Procuro ensinar-lhe as atitudes mais correctas: a ser responsável, organizada, generosa, prudente... e os elementos essenciais de cultura: português, francês, história, geografia, matemática, botânica, física, música.... E... garanto-lhe, João, que não me quero poupar a nenhum trabalho para lhe ensinar tudo quanto uma menina da sua idade e condição social deve aprender.

Queres saber quando começou a ler?

Imagina só... foi aos três anos... Aos cinco, já ela acompanha a missa pelo seu livrinho.

A educação de Teresa, nos primeiros anos, está, pois, ao cuidado da mãe. Na época, era considerada a senhora mais culta de Lisboa. Alexandre Herculano faz-lhe os maiores elogios, pelo seu muito saber.

Na Câmara dos Pares, de que fazia parte Joaquim António de Aguiar, o Marechal Duque de Saldanha e outras personalidades, D. Isabel Maria é apontada como uma senhora de “grandes qualidades intelectuais”.

(1) As expressões entre aspas correspondem a palavras ou frases textuais das personagens, recolhidas em documentos vários.

Dada a posição social da família, a Condessa pensa, desde logo, na colaboração de mestres particulares que tornem a sua menina mais culta.

– Olhe, João, – dizia D. Isabel Maria – pressinto que Teresa seja uma grande senhora... é inteligente, tem gosto em aprender e descubro nela talentos artísticos... é observadora, organizada, muito responsável e com uma vontade de ferro... Nestes tempos que correm, “é preciso que os nossos filhos saiam da mediocridade.” O nosso país está a definhar por falta de cultura.

– Concordo consigo, Isabel. – responde o pai. - Temos que chamar mestres de alemão, música, pintura... Para música, penso em Mazoni e, para os segredos da pintura, talvez... Leberthais.

Das mãos de Teresa, sairão belíssimos desenhos a lápis e a aguarela. Mais tarde, a partir dos dezoito anos, excelentes pinturas a óleo, cheias de vida... de luz... de sentimento... Nesta área, foi seu mestre Tomás D’ Anunciação, também professor da rainha D. Maria Pia.

A menina corre, apressadamente, pelos caminhos do saber... Mais ainda, ela gosta imenso de dar alegria à família.

Quando D. Isabel Maria sai, tem a certeza de que não vai haver problemas com as crianças.

– Teresa, hoje preciso de sair. – diz a mãe – Mas não estou preocupada pois sei como és responsável...

– Mamã, esteja descansada. Cá em casa, tudo vai correr bem. Vou jogar às escolas com os manos. Eu sou a professora. O António e o José, os meus alunos.

O certo é que eles aprendiam mesmo e com tanto prazer!...



Em família, Teresa sente a felicidade de ser amada. Talvez, por isso, a vocação de amar, esquecendo-se de si própria, palpita desde muito cedo no seu coração. Descobre que amar os outros é amar Jesus.

Desde o seio materno ela bebe o amor da sua mãe aos pobres.

– Mamã, depois do lanche poderíamos visitar aquela senhora pobre, onde fomos na semana passada, lembra-se? Vou levar-lhe o meu lanche, sim, mãe?

– Olha, querida, sinto-me muito feliz por gostares tanto de dar, mas não é preciso pois levamos, de casa, o suficiente.

Mãe e filha sobem as ruelas mais secretas e íngremes dos bairros degradados de Lisboa para visitarem as famílias pobres nos seus casebres pobres... Os doentes, filhos da miséria, presos a camas sem colchão... os velhinhos, de ossos a furar a pele... Ali,

tudo é triste: as plantas não dão flores... as aves não cantam... o sol não aquece... não há palácios brilhantes...

Teresa pergunta a um menino:

– Tu não tens roupa? Sapatos? Pão? Não andas na escola?

A cabeça do pequenito vai, sempre, abanando a dizer não. A menina fica triste, muito triste... Na sua casa, de damasco brilhante, há tudo... tudo...

– Afinal, nada me falta... não tenho privação alguma e tanta gente perto de mim passa fome! Tantas meninas e tantos meninos, da minha idade, que não são felizes como eu. Eles são tristes, sofrem, passam fome, não têm escola para aprender...

E Teresa olha-os nos olhos, cheia de ternura e compaixão... No seu rosto, rolam algumas lágrimas baças de dor... E tudo guarda no seu pequeno coração de criança.

Mais tarde, são “os pés descalços, os pequenos maltrapilhos que pululam pelas ruas, estendendo a mão, que muito a atraem.”

Aos doze anos é inscrita, pela mãe, na Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, fundada pela Condessa de Rio Maior com a colaboração de outras senhoras para auxiliar a pobreza envergonhada. A partir daí, vai visitar, mais frequentemente, os pobres levando-lhes alimentos, roupa, mas sobretudo o conforto... a ternura... a alegria.



Sabes quando é que Teresa começa a frequentar as festas da sociedade?

É aos quinze anos. Detesta participar em bailes e em certas festas a que é obrigada, pela sua condição social. Ela é tão simples!... Não gosta de chamar a atenção. Prefere, antes, ser uma minúscula estrela luminosa, escondida num canto do céu, do que uma enorme galáxia admirada por todos.

Certamente, gostarias de me perguntar porque é que ela seria assim, vivendo num palácio e filha de nobres.

Estava a ser educada deste modo. A mãe dizia-lhe muitas vezes: “Uma menina nunca se deve pôr em evidência, mas se falarem com ela, deve poder entrar em todas as conversas, com conhecimento de causa. “

– Sabes, Maria, – diz, falando com a cunhada – quando, à noite, para ir ao teatro ou ao baile, ouço os passos das duas criadas para me vestirem e penturearem, vêm-me as lágrimas aos olhos... Antes de sair, de coração triste, escondo-me no quarto e ajoelho pedindo a ajuda de Deus, a quem não quero ofender... No baile, quando não quero ver, aproveito a minha vista curta, *tiro a luneta e olho só para dentro.* (2) É a maneira de me isolar do ambiente. Puxo pelo anel de dez saliências e, de vez em quando, vou evocando a querida Mãe dos Céus. Procuro, mesmo assim, mostrar-me alegre e feliz, para dar gosto à mamã!... Entendes?



(2) O itálico assinala expressões ou palavras textuais de Teresa recolhidas em documentos vários. ( COLOCAR NO RODAPÉ ONDE APARECE O ITÁLICO)

Sai para o primeiro baile, que é no Paço, em Belém, de vestido rosa e flor branca na cabeça.

– Teresa, estás tão linda, minha filha!

– Mamã, sinto-me uma senhora, embora preferisse ser sempre pequenina. Mas... apesar de crescer, *quero ser sempre uma criança nas mãos de Deus...*

Mais tarde, escreve ao irmão António: *A mamã estava com imenso gosto de me levar! Disse-me que era só desta vez, para me conformar... Sabes, mano? Dancei a primeira contradança com o conde de Sobral. Estava mesmo em frente da rainha [D. Maria II]. Que vergonha! A segunda foi com o Príncipe e depois... nem quero continuar... a festa durou, durou...*

O Príncipe, a que Teresa se refere, é o futuro rei D. Pedro V, da mesma idade. A festa durou até às três horas e trinta... Apesar de tudo, mostra-se feliz.

– Estás muito cansada, filha?

– Foi tudo tão bonito, mamã! Eu gosto muito de dançar. Mas... que vergonha!

A partir de agora e, apesar de tudo, Teresa passa a frequentar festas. Sabes que festas? Ela saía para os bailes, como já te disse, - e dançava muito bem! - para as festas normais que tu também frequentas: de casamentos, baptizados, serões de amigos... E gostava, ainda, de se divertir! Sabemos que ia ao teatro de D. Maria ver as peças da época, ao teatro de S. Carlos assistir aos concertos, óperas... gostava de andar a cavalo... Só não apreciava as touradas. É natural, não achas? Ela tinha um coração tão sensível!...



Certamente quererás saber se Teresa não pensava casar, se não tinha namorado!...

Inteligente, culta, alegre e simpática, rodeada de tudo quanto se pode chamar grande, Teresa atrai, naturalmente, a atenção dos jovens da sua condição social. “Muitas vezes é pedida em casamento, mas recusa sempre.”

– Querida – diz-lhe a mãe – tens que decidir o teu futuro.

– Mamã, sinto-me tão feliz! Não penso casar-me.

D. Isabel Maria medita nas palavras da filha e os pressentimentos de mãe vêm-lhe à mente...

Teresa pensa, no seu coração: *Tudo o que o mundo me pode oferecer é tão passageiro, tão pequenino! Vós colocastes no meu coração ambições maiores.*

## UMA GRANDE PAIXÃO

A vida da jovem vai decorrendo tão serena como um rio de águas tranquilas. No entanto, ela é activa, muito activa. Como na infância, não pára um segundo.

– Então o que fazia? – perguntarás.

Em casa, estuda, lê, pinta, borda, prepara as quermesses... E, quando há visitas, recebe graciosamente os convidados para o jantar... Toca piano, dança, faz teatro, tudo com tanta alegria e humor!... Os serões são tão agradáveis!

– *António, muito gostaria de dançar consigo, mas sei que nunca poderei pois o mano é todo janota e eu não!* – diz ao irmão.

***Fazer o bem sempre e onde for possível*** é, desde muito cedo, o seu desejo, o seu lema.

Teresa tem um grande prazer. Sabes qual é? Dar alegria aos outros para os tornar felizes. Por isso, ela foi sempre feliz. Em casa, era muito atenta à família e aos empregados com quem gostava de conviver e ajudar a realizar pequenas tarefas: regar as plantas, ajudar na cozinha... e também lhes conta histórias engraçadas!... Num dia de aniversário, oferece à Henriqueta uns punhos bordados por ela própria.

Era Primavera. Teresa passeava pelo jardim. Tinha então doze anos. Ela gosta tanto da natureza!... Delicia-se ao ouvir o canto dos passarinhos... encanta-se a descobrir a beleza das flores tão variadas e que oferecem um perfume tão agradável!...

- Mamã, o nosso jardim é lindo, maravilhoso! Posso ir ajudar o Cândido?

- Querida, vai, mas... tem cuidado!... És muito frágil! Não te molhes... Não te canses!... Ouves?

Teresa corre, saltitando feliz pelos passeios ao encontro do criado. E ele sente-se, também, muito feliz... A menina é tão alegre... tão simples!...

Teresa rega as plantas que pedem de beber... retira, com carinho, as folhas secas do passar do tempo...

D. João de Saldanha, enquanto conversa com a esposa, olha para o jardim. Vê a sua princesinha querida atarefada com todo este trabalho... e, no seu temperamento forte, grita à esposa:

- Isabel, o que quer isto dizer? A nossa filha a trabalhar ao lado do criado? Não. Não o permito!

Teresa ouve, ao longe, o pai. Vê os seus gestos e pressente o que se passa. Corre apressadamente ao seu encontro. Atira-se-lhe ao pescoço. Beija-o vezes sem conta, enquanto diz:

- Ó papá, as flores são tão lindas! Gostei tanto de ajudar o Cândido!...

D. Isabel engole, mais uma vez, as lágrimas da dor e da alegria. Às reacções ásperas do marido junta-se, sempre, a bondade serena da filha a fazer a paz quando há pequenas ou grandes divergências, na família.

A menina sempre gostou de acompanhar a mãe nas visitas às famílias pobres, mas também de organizar actividades para crianças. Para isso, inventa mil e uma maneiras.

– Então, Teresa, desta vez, a festa do aniversário do avô será bem diferente, não é verdade?

– *Estou bem certa disso, mamã. Já temos quarenta e tantos nomes e todos de doze anos para baixo! Será um baile bem animado... As crianças vão divertir-se imenso. Dar-me-á tanta felicidade!...*

Uns dias depois, escreve ao António: Sabes, mano, no nosso baile, havia crianças muito lindas. E, vê-las felizes a dançar todas a galope, encantou-me!... Foi um baile muito brilhante. Diverti-me imenso e dancei sempre.



Teresa mostra, desde pequenina, uma grande debilidade. Aos três anos, uma doença grave obscurece os seus dias de criança. A mãe decide ir viver um tempo para Sintra, procurando um clima mais saudável. A menina só consegue adormecer ao ouvir a melodia do “Último Pensamento” de Weber, tocada ao piano, por sua mãe.

Aos quinze anos, atinge-a uma doença de garganta: veio-lhe uma ferida, fraqueza e extinção de voz.

Sabes que doença era? Escarlatina. Dia a dia, momento a momento, ao lado de Teresa, D. Isabel Maria espalha uma chuva de amor, em cada gesto, em cada palavra, em cada movimento... enquanto vai estremeando de dor e de tristes pressentimentos.

Os médicos dizem o caso muito grave. E não morrerá há pouco a princesa D. Amélia, filha única da Imperatriz, Duquesa de Bragança, com doença parecida?

– Teresa, estás com muitas dores, filha? – e, colocando a mão suave e preocupada sobre a fronte da menina mostra uma grande aflição. – Ainda tens a testa tão quente!

– Não, mamã, sinto-me bem. Não se preocupe. Deus vai curar-me.

Não se quer queixar porque não quer fazer sofrer a família que tanto a ama.... Quer antes tornar viva a palavra do Padre Richmond: “Minha filha, procure sempre agradar a Nosso Senhor e seja-lhe sempre fiel.”

– Mas... *o que quer Ele de mim? O meu único desejo é receber luz para descobrir e fazer a Sua Vontade.*

Durante esta doença, Teresa vive numa amizade muito íntima com Jesus. E, como num filme, correm no seu pensamento cenas de infância: os meninos de pés descalços... sem escola; as famílias sem pão, sem calor, sem Deus... E, de novo, as palavras de luz do seu grande mestre e amigo: “Deus, aos poucos, irá mostrar-lhe o caminho. Mas lembre-se que nenhum amor, neste mundo, se iguala ao de Jesus. Só Ele é digno de todo o nosso amor.”

– E se eu me entregasse toda a Deus? Sinto-me tão amada por Ele!

Esta ideia germina... cresce... e, lentamente, vai ocupando todo o seu pensamento.

Num dia de febre, tem um sonho maravilhoso: vê uma multidão de anjos vestidos de branco que a chamam:

– Teresa, Teresa! Vem connosco!

– Sim, eu vou.

No dia seguinte, conta, à mãe, esta cena de encanto, embora não tenha entendido o seu significado profundo.

“Dentro de um ano estava completamente restabelecida. E era linda.” – segundo a opinião da sua cunhada.



Sabes qual é a grande aventura a que ela se lança? Conhecer melhor Jesus. Gosta de ler o Evangelho, de pensar nas Suas Palavras, de saber o que Jesus fazia, para poder viver como Ele. Muitas das suas horas são ocupadas a pensar no imenso amor de Deus por nós... Tenta descobrir, a cada momento, os Seus sinais, a Sua Vontade, à medida que se vai construindo o tecido da própria vida.

– O Seu amor é demasiado grande para que eu o entenda!... – reflecte muitas vezes.

Gosta imenso da Semana Santa.

Um dia, escreve ao irmão, em Coimbra: *Não imagina, António, como gosto sempre desta semana santa! Inglesinhos de manhã à noite! Não podia fazer coisa que mais gostasse!* A Páscoa é, para mim, a festa das festas. Com Jesus, tento aprender que, nesta vida, as coisas de Deus têm sempre a marca da cruz. Mas... logo a seguir, vem a alegria da Ressurreição...

Como sabes, Teresa tinha aulas de pintura. Das suas mãos e do seu coração saíram belos quadros. Um dia, aos dezoito anos, ao pintar o rosto de Cristo, coroado de espinhos, o seu coração estremece... Sente o imenso amor de Jesus... Ele dá a vida pela humanidade! A esta imagem imprime muita serenidade... Sente-se envolvida pela luz que irradia e interroga-se:

– E eu, como Te amo, a Ti, Jesus? Terei o direito de ser feliz sozinha? No Teu rosto vejo aqueles que sofrem...

E toda a espécie de pobreza passa, de novo, no écran da sua memória de jovem.

Certo dia, Teresa encontra-se com o Padre Brown, seu mestre:

– Padre, como gostaria de dar a minha vida a Deus! Só a Deus... Penso ser essa a Sua vontade. O que acha deste meu desejo?

– Teresa, a menina deve evitar toda a precipitação. Sabe que estamos numa época de perseguição à Igreja Católica... que os religiosos foram expulsos do país... os conventos fechados... que a sua família é nobre, ligada ao governo. Nada é favorável. Poderia haver uma perseguição aos seus... à Igreja... Compreende?

A jovem baixa a cabeça a querer dizer que sim. Entretanto olha, muitas vezes, a tela de Cristo sofrendo e o seu amor cresce... cresce... como uma flor banhada pelo sol.

– Mas... ninguém me pode impedir de, secretamente, fazer uma aliança com Jesus, na sua presença! Ninguém saberá. O que acha desta minha ideia?

– Entendo que o seu coração é demasiado grande e nenhum amor humano poderá satisfazê-lo!... – responde o grande amigo.

Sabes o que decide?... Entregar-se toda a Deus.

Era o dia da Imaculada Conceição, 8 de Dezembro de 1855. Este foi, para ela, o segundo momento mais importante da vida.

Convido-te a entrares no coração de Teresa e a reflectires neste diálogo maravilhoso que, um mês depois, sai da sua caneta iluminada:

*Ó amor da minha alma!*

*Desejo amar-vos com todo o meu coração.*

*Sinto que todos os dias*

*me estais a chamar cada vez mais*

*para Vós.*

*Absolutamente nada deste mundo*

*me encanta ou me atrai.*

*O meu encanto está em pensar*

*em Vós, em falar de Vós,*

*em abrir-vos o meu coração.*

*Ofereço-me a Vós para que façais de mim*

*o que quiserdes.*

*Desejo ser uma criança*

*nas Vossas mãos.*



Como já te disse, a Condessa era muito bondosa.

Em 1856, a cólera-morbo e a febre-amarela matam muita gente. Há centenas de crianças órfãs que gritam por apoio. A mãe de Teresa e outras senhoras, entre elas a imperatriz do Brasil, pedem ao rei para mandar vir as Irmãs da Caridade francesas. É então que é fundado o Asilo da Ajuda com a finalidade de socorrer estas crianças órfãs.

Já concluíste, certamente, que Teresa aprendia, com a mãe, a pensar nos que precisavam dela. Entretanto, vai descobrindo que há muitas meninas sem escola, sem catequese, vivendo na miséria... É então que, com a ajuda das Irmãs, da mãe e de outras senhoras, funda a Associação Protectora das Meninas Pobres para educar e instruir as filhas do povo. Tinha então vinte e dois anos.

Um dia a Irmã Lizarde, das Irmãs da Caridade, faz um pedido a Teresa:

– A menina tem tanto jeito para crianças, tem tanto amor aos pobres e é tão responsável e organizada que... poderia aceitar ser presidente da Associação!...

– Mas... eu sou tão jovem... e é uma grande responsabilidade!...

Em breve, é escolhida pela Associação. Aceita e é reeleita durante toda a sua vida para este cargo.

Os seus dias ficam muito cheios. Desde a infância que nada guarda para si. Agora, passa a tocar menos, quase não frequenta festas e outras diversões, mas sente-se muito, muito feliz...

O contacto com as Irmãs, a sua forma de viver, a sua actividade encantam-na:

– E não poderei eu ser, também, uma Irmã?...

A cunhada, Maria Isabel d' Anunciação, mulher do António e a melhor amiga, parece descobrir a sua inclinação:

– Teresa, sinto-te tão feliz! Estou mesmo a ver que, em breve, serás uma Irmã!

– *O futuro a Deus pertence, Maria. Ele é que lê e conhece os corações. O que eu mais desejo é descobrir a vontade de Deus a meu respeito.* – responde Teresa.

## **O AMOR VENCE TODAS AS DIFICULDADES**

Em 1862, as Irmãs têm que sair de Portugal. Imagina quanto sofre!...

Chora... chora... noite e dia.

O Colégio de Santa Marta fecha. Mas a jovem não desanima, nem descansa. *O amor é generoso, zeloso e pronto* – dirá muitas vezes.

– *Não, não pode ser! Os pobres têm que ser ajudados!...* – E dos seus olhos saltam centelhas de luz. – Minha Maria, neste país, as crianças não podem ficar sem cultura. *Temos que salvar os filhos do nosso povo!*

– E os meios?

– Temos que lutar: faremos rifas, quermesses, concertos, festas onde podemos vender trabalhos...

Imagina a coragem de Teresa: ela tem uma vontade de ferro: luta... luta... e a Associação não morre. Pelo contrário, a sua força é enorme. Abrem mesmo outro Colégio para socorrer crianças... A seguir a este, outro e outro são fundados. Chegam a ser mais de trinta! Teresa organiza; escolhe as mestras; orienta o trabalho que se desenvolve... Não pára. Não descansa.

D. Isabel Maria olha, cheia de admiração, o entusiasmo da filha...

– Teresa, como te sinto feliz! Mas... temo pela tua saúde. Trabalhas tanto, querida!...

– Não se preocupe, mamã. Tenho a força de Deus. *Ele vela por nós.*

E, no seu coração, adivinham-se ânsias de infinito. Ela quer mais, mais, sempre mais...

Dirá um dia:

– *Eu trabalhava deste modo, mas, no meu coração estava já o desejo ardente de ser religiosa, que, ao princípio, me custava a mim mesma e me assustava...*



Teresa está sempre pronta a escutar a voz de Deus. Tem a certeza de que Ele fala através de meios humanos.

Um dia, entra no grande salão de sua casa. Pousa, serenamente, o vaso que traz na mão, em cima duma mesa iluminada pelo sol quentinho e acaricia com doçura uma flor lilás... Entretanto, observa os quadros a óleo e retratos da família, vivos e falecidos que o decoram. Entre eles, encontra-se o Religioso Dominicano, Diogo de Saldanha, que vivera no convento de Santarém...

De repente, aparece a cunhada:

– Teresa, sinto-te tão apreensiva!...

– Estou a pensar que, se um dia for religiosa, gostaria de ser Dominicana!

Já contactei várias Famílias Religiosas mas nenhuma me atrai como esta. S. Domingos gostava de estudar... de pregar o Evangelho... de anunciar que Deus é Misericórdia... Verdade... preocupava-se com os problemas dos pobres... Era um homem de Deus.

Diz a tradição que a imagem de S. Domingos, que existe na nossa capela falou, um dia, a uma avó... e S. Vicente Ferrer é o padroeiro da família!...

– É verdade, Teresa! Na nossa família sempre houve uma grande devoção a S. Domingos. – acrescenta a cunhada.

– Sabes, minha Maria, quando olho o nosso país, as suas necessidades, é então que descubro a minha vocação. Nesta sociedade sem Deus, que foge dos valores, é preciso criar uma Congregação Religiosa que grite aos homens: – *Deus está acima de tudo!* Comecei já uma novena a S. Domingos, para que este Santo peça por mim. Tenho confiança que Deus me vai esclarecer. *Sinto-me nas suas mãos.*

Imagino que gostarás de saber onde estão as outras jovens, para formar a tal Família!

Queres saber? Teresa contava muito com as suas amigas... mas nenhuma se decidia. Um dia apareceu uma senhora que queria ser Dominicana. Chamava-se Harriet Martin.

Foi ótimo, não achas? Essa vai ser das primeira a partir, para se preparar. Teresa costumava dizer: *Deus serve-se de humildes servos para realizar os seus fins.*

Agora, faltava saber se deviam ir para Stone, na Inglaterra, ou para Drogheda, na Irlanda.

– E quem a poderá ajudar nesta grande Obra? – perguntarás.

Não falando já da sua mãe e da cunhada, D. Isabel Maria D' Anunciação, Teresa tinha os seus mestres e confessores. O primeiro foi o Padre Lourenço Richmond, dos Inglesinhos. Foi ele quem amparou e fortaleceu esta flor que progressivamente se abria para Deus... para os outros... Mais tarde, parte para a Inglaterra. Sucede-lhe, por pouco tempo, o Padre Brown. São, agora, os Dominicanos do Corpo Santo, Irlandeses, o Padre George Wiseman e, finalmente, o Padre Patrick Russel que têm esta missão.

☆☆

Teresa vai sempre animando os serões do palácio mas, agora como nunca, o seu fim é recolher fundos para a Associação.

Um dia, decide montar uma ópera cómica. Com muita imaginação, consegue envolver toda a família: ensaia, canta, toca, dança...

– Filha, estes ensaios estão a cansar-te muito. E tu és tão frágil! – diz-lhe a mãe.

D. Isabel Maria tinha mesmo razão. Logo no outro dia, aparece-lhe uma ferida na testa que alastra para o rosto... nem sequer consegue ler ou falar. O que mais a debilita são as suas imensas preocupações:

– Como aguentar manter silêncio sobre a minha vocação? Encoraja-se, a si própria, repetindo: *Se esta é a vontade de Deus, Ele me dará força.*

Mas o coração de mãe tudo adivinha...



– Teresa, toma o remédio! Sinto-te tão apreensiva, filha! Ainda tens muitas dores?

– Mamã, dói-me a cabeça... mas também o coração parece aflito... – e um sorriso de nevoeiro salta-lhe dos lábios...

Enquanto coloca as mãos de doçura sobre a testa da filha, a Condessa vai murmurando, cheia de ternura:

– Valha-me Deus! Valha-me Deus! Vou chamar o médico. Achas, querida?

– Não, mãe. Não é preciso.

D. Isabel Maria aproxima o seu coração do coração da filha. Sente que há um segredo para ela. Só para ela. E não é ao coração da mãe que tudo se confia?

– Mamã, o meu desejo é consagrar-me a Nosso Senhor! Este desejo nasceu em mim, ainda muito pequenina... cresceu... cresceu... e tornou-se uma grande paixão!...

– Querida!... – D. Isabel Maria não tem palavras, só lágrimas transparentes a correrem por um rosto gelado de dor.

– Não se aflija!... Olhe mãe... — e, com voz sumida mas firme — pensei nas Irmãs de Stone, na Inglaterra, aonde entrou a minha grande amiga, a Isabel Howard... Lembra-se? Já lhes escrevi e fui aceite.

É o dia 3 de Maio de 1864. Lá fora, cai uma chuva violenta que, sem piedade, arrasta tudo à frente. A Condessa sente a natureza unir-se à sua dor. Um vento forte arranca-lhe a filha tão querida e atira-lha para longe... talvez muito longe...

Vai, então, repetindo, no seu íntimo, ainda sem querer acreditar: – Ir...mãs de Sto...ne, f...ui a...a...cei...te!... Será mesmo verdade? Não acredito!... Mas...Teresa diz sempre a verdade!

A seguir, entre fortes soluços calados, vai enumerando em voz alta, as dificuldades:

– E o teu pai? Não o permitirá. E o António? Irá gritar, lutar pela mana querida...

Na cidade todos irão falar... “Eu, por mim, não quero opor-me à vontade de Deus, mas só darei licença quando me informar de tudo em pormenor.” Entendes, não é? És muito jovem, minha querida... e os tempos são maus!...

– Mamã, as Irmãs são Dominicanas de uma Congregação nova. Dedicam-se ao ensino... têm hospitais...visitam pobres. É do que eu gosto... Depois da minha formação, posso voltar ao nosso país. Não é tão bom, mãe? E eu viverei, depois, para as crianças e os pobres!...

E um enorme arco-íris parece cercar-lhe o rosto, num misto de alegria e de ânsia.

– Sabes quanto te quero, minha querida! Tudo farei para te ver feliz. – com ternura, a Condessa acaricia o rosto pálido da filha que, naquele momento, depositara no seu coração o maior segredo de toda a sua vida.

- Mamã! Tenha a certeza de que vou curar-me. Confio muito em Deus. *É nas Suas mãos que coloco este anseio.*

Teresa interroga-se: como foi possível falar à mãe? Agora, estou certa, certíssima, de que Deus está em nós e dá, a cada momento, a força necessária para enfrentar os maiores problemas.

D. Isabel Maria conhece a vontade de ferro da filha: - Mesmo que lute sozinha, nunca desistirá!... – dizia.

Uma chuva miudinha cai, lá fora, silenciosa como pequenas pétalas brancas, enquanto aquela mãe, sentindo o seu coração serenar, vai repetindo:

– Meu Deus! Meu Deus! Como é difícil doar o maior tesouro da vida...

Mas... era o mês de Maio e D. Isabel pensa em Maria, na sua entrega e logo acrescenta: - Querida Mãe, como tu, quero aceitar, alegremente, a vontade de Deus a respeito da minha querida filha.

Nesse mesmo dia, Teresa escreve à cunhada a contar o sucedido.

Maria Isabel d' Anunciação lê a carta entre soluços, com o coração despedaçado. Dos seus olhos saltam lágrimas de dor que teimam em não parar: Meu Deus, meu Deus! Sempre estive ao lado de Teresa e é maravilhoso que o seu sonho se realize, mas... “como aguentar a separação daquela irmã que foi sempre o meu bom anjo, o meu guia, o meu conselho? Não posso pensar na vida sem ela!”...



A amizade de Teresa com Jesus crescia, crescia... Depois da devoção dos quinze sábados, que fez com as suas maiores amigas e terminou a 2 de Outubro de 1865, recebe a Comunhão e sente uma felicidade imensa... sente que Jesus a ama muito e a quer a trabalhar em Portugal, fundando uma Família Religiosa.

Repara bem! Ficou, em oração, desde a Missa das oito horas até ao meio-dia a agradecer a Jesus o seu amor... Foi muito tempo, não achas?

Sabes? Teresa amava o silêncio. Gostava de escutar Deus como um amigo escuta o seu amigo... sem tempo marcado... e, mais ainda, ela própria diz que o seu prazer era continuar na presença de Jesus todo o dia...

Ao chegar a casa encontra a cunhada:

– Minha Maria, agora tenho a certeza...

– A certeza, de quê?

– *De que a Obra é de Deus e Ele quer que actuemos, até conseguirmos que o nosso plano se realize.*

– Olha, Teresa, vamos já escrever para as Irmãs da Irlanda. Precisamos de saber se as nossas jovens podem ir preparar-se para lá e, depois, voltar para Portugal.



Quando em 1866 tem a resposta afirmativa, pensa logo nas outras licenças.

Ah! É verdade!... Não te disse, ainda, que Teresa não pode avançar sem a licença do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o Senhor D. Manuel Bento Rodrigues.

Quem deverá ter esta missão? A pede opinião ao Padre Russel e à sua cunhada. Aquele dirá:

– A menina não deve ir por ser um assunto que a obriga a falar de si...

– Maria! – diz Teresa – A pessoa mais indicada és tu.

– Querida mana, tens-me sempre a teu lado. Claro que vou.

Como estás a ver, ela era mesmo muito amiga de Teresa e disposta a ajudá-la em tudo.

“Saí de casa... Era o dia 19 de Março de 1866. Estava um dia de chuva forte e com rajadas de vento levantando nuvens de palha no Cais... A natureza parecia ligar-se à minha dor e ao meu receio. Saltei da carruagem. A custo me mantive de pé, pois o vento empurrava-me para todos os lados.” – dirá Maria Isabel D’ Anunciação.

Teresa fica em casa a rezar.

Quando a cunhada regressa do encontro exclama, com ansiedade:

– Então Maria, conta! Conta!...

– O Senhor Cardeal, idoso e doente, como é, carregado de desgostos ficou espantado por haver alguém que tenha coragem para começar alguma coisa deste género, quando toda a vida religiosa acabou. E disse: “Contem comigo. Mas... é preciso muito cuidado! Por um nada, pode desencadear-se uma perseguição à Igreja.”

O rosto de Teresa brilha, brilha!.. Parece atirar raios de luz em todas as direcções.

– Obrigada, meu Deus! Obrigada!



Chegou o momento tão desejado.

Sabes qual foi?

Depois do que te contei, Teresa reúne-se com a Maria Augusta, sua grande amiga, a Harriet Martin e o Padre Russel para lhes comunicar a sua decisão:

– Padre Russel, *agora já posso partir!... Se a inspiração é minha, devo ser eu a primeira para dar o exemplo e abrir o caminho...* – e o coração da jovem batia fortemente parecendo querer saltar-lhe do peito.

– Teresa, penso que não deves ser a primeira na Fundação. Fazes ainda muita falta à Associação das Meninas Pobres, à sombra da qual devem aparecer as Irmãs. Por outro lado, faltarão mil receitas que lhe darão vida. – exclama a Maria Augusta.

– E o que acha, Padre Russel?

– É preciso pensar bem. Se contrariar o seu pai pode haver consequências que prejudicarão a Obra, logo no início. Caso haja um escândalo, o facto tornar-se-á público e nada poderá começar, tranquilamente.

Imaginarás, certamente, que a reacção de Teresa deve ter sido de muita tristeza!...

Sim. É verdade. Mas ela via nas palavras dos amigos a vontade de Deus. Então, responde:

– Têm razão. Deus pede-me mais este sacrifício. Mas terei que mandar outras jovens preparar-se e eu ficar? E quem partirá? Apenas uma inglesa?

– Teresa, tenho uma grande surpresa para si.

– Diga, diga, Padre Russel, peço-lhe!

– Apareceu há dias uma menina, Maria José de Barros e Castro, que deseja dar-se inteiramente a Deus e aos irmãos.

– Que felicidade!... Que felicidade!... – e dos seus olhos dourados saltam pequenas estrelas de alegria. – Chegou a hora! Não podemos esperar mais!...

### LANÇAR – SE AO LARGO...

Entretanto, do convento de Drogheda, na Irlanda, abrem-se as portas. Aí se poderão preparar as futuras Irmãs para trabalhar em Portugal.

– Teresa, já consegui licença da Ordem Dominicana! – diz o Padre Russel.

Tudo envolvido em segredo, um grande segredo, a 7 de Novembro de 1866, partem as duas primeiras.

O Padre Russel, Teresa, a cunhada, os três grandes amigos de sempre, formam uma cadeia muito forte e unida à volta das duas jovens escolhidas: Miss Harriet Martin e Maria José de Barros e Castro. São elas que se vão lançar numa grande aventura...

Imagina a cena que se segue:

O dia estava lindíssimo. Mas nada parecia normal... Ao saírem de casa sentiam que pelas ruas todos as observavam ...todos as interrogavam... Nos olhos e no coração das jovens apenas um desejo, que era alheio à época: entregar a vida por uma grande causa...

O céu quis associar-se à sua alegria: apesar de ser Outono, o sol assemelhava-se a uma enorme bola de fogo a decorar a cortina celeste, de um azul muito transparente. Parecia querer fortalecer corações... iluminar o dia...

Dos olhos de cada uma, saltavam lágrimas de felicidade!...

Teresa, de mãos apertadas à cunhada, murmurava, em surdina:

– O grande momento chegou: o nosso plano, que é *fazer a vontade de Deus*, vai realizar-se.

Eram quatro e meia da tarde. O rio estava sereno... as águas transparentes... o vapor lindíssimo. Tudo ali era misterioso. Até o nome do barco, *Galileu*. Ouvia-se, ao longe, o bulício da cidade... mas, à volta, um enorme silêncio. Os últimos raios de um sol poente atiravam flechas sobre as escolhidas...

– Vamos, Teresa, – diz o Padre Russel – abençoe as suas filhas, antes da partida!

– Padre, *não tenho autoridade para isso!* – responde com simplicidade..

– Tem, sim...

Teresa estende, então, suavemente, as mãos sobre a cabeça das duas jovens, ajoelhadas, olha para o céu, em súplica muda, mas quente... Depois deposita nos seus rostos um beijo de despedida cheio de afeição...

– Queridas amigas, eu não posso partir, mas o meu coração acompanha-vos... Quanto espera de vós o nosso país! ...O Mundo!...

“Desta cena celestial, eu era a única testemunha.” – dirá Maria Isabel D’ Anunciação.

Todos se retiram deste lugar, levando na memória a recordação dum momento tão grande que, de futuro, dará tanta força e tanta luz...

Já imaginaste, certamente, a beleza de toda esta cena. Vais, então, perguntar-me:

– E como é que Teresa vai aguentar tanto silêncio sobre um acontecimento tão grande? Não conta à mãe nem ao pai... mas ela também quer partir!...

O seu pensamento, o seu olhar fica, agora, voltado para a linha do horizonte onde vive a sua esperança... o Convento de Drogheda e as duas futuras Irmãs. As cartas sucedem-se... O tempo escoá-se...

– Minha Maria, como me sinto feliz! Tão feliz! – exclama Teresa – Mas... entendes que só o serei plenamente, quando me juntar às duas Irmãs.

– Compreendo, mana! É tão natural!... Agora uma nova esperança desponta...



Entretanto, os pais de Teresa decidem fazer uma viagem a Paris para visitar a Grande Exposição Universal de 1867. Teresa vê, aqui, a mão de Deus.

– É chegado o momento de me juntar às duas jovens. De Paris, vou fugir para a Irlanda... Mas... é melhor que o pai autorize... É mesmo preciso... Tem que ser.

Parte animada com uma grande esperança; o milagre poderá acontecer. Se o pai autorizar, tudo correrá bem.

Vai com os pais, o irmão António e a cunhada.

Ao chegar, depois de vários dias de viagem, visita Notre Dame e outras Igrejas... Conventos... admira a Exposição Universal...

– É excelente! Nunca imaginei tanta maravilha!...

Um dia, cheia de coragem, sente que se aproxima o grande momento.

– Maria, peço-te que saias com o António. Hoje mesmo, quero falar ao pai da minha vocação e do meu desejo de me juntar às duas Irmãs. É urgente. Entendes?

D. Isabel Maria ficou calada... apreensiva... e uma enorme angústia se apoderou dela.

Sabes? A cunhada pensa na separação daquela que era para ela uma irmã, no gelo do sogro e, talvez, na incompreensão do marido que a iriam acompanhar toda a vida, logo que Teresa partisse.

Mas a jovem quer, também, preparar a mãe:

– Mamã, é altura de falar ao pai na minha vocação! Pensei partir daqui para a Irlanda. – e os seus olhos tomam um brilho de alegria e ansiedade...

– Oh querida! Cuidado! Muito cuidado!... Estou convencida de que nada vai conseguir do seu pai...



Chegado o dia combinado, Teresa avança... bate levemente, a tremer, na porta da saleta, ligada ao quarto dos pais, no hotel do Bom Lafontaine.

A mãe abre, vacilante... Quando vê a filha, empalidece... o coração parece querer saltar-lhe do peito...

Cheia de emoção, senta-se, num sofá vermelho, olhando pela porta de vidro transparente as estátuas brancas do jardim do hotel, embaciadas pelo nevoeiro da noite... batidas pela chuva.

– Quem me dera a mim, neste momento, ter um coração de estátua, insensível... calado!...

Entretanto, toma fôlego... e... com voz sumida, murmura:

– João, a Teresa quer falar-lhe!

O Conde aproxima-se.

Um vento de Outono abana fortemente as janelas do quarto, parecendo acompanhar o ritmo do coração da Condessa... do coração de Teresa.

– Papá!... Não quero fazê-lo sofrer... mas... entende... eu já sou adulta...desejo seguir o meu caminho... – e, a gaguejar: – preciso da su...a li...cen...ça, meu pai...

D. João de Saldanha interrompe:

– O quê? O que diz? Licença? Porventura quer deixar-nos?

– Sim, querido pai! Preciso de ir à Irlanda, juntar-me às minhas companheiras que estão num convento.

– O quê, quer fazer-se freira? Não! Não e não!

Volta-se, então, para a esposa:

– A culpa é toda sua, Isabel! - e dirigindo-se à filha - Teresa, nunca consentirei que saia de casa, que saia para um convento! Ouviu? – e dos seus olhos saem dois fios de água gelados de dor...

Teresa inclina-se sobre o peito do pai e responde:

– Sim, papá! O meu querido pai não imagina quanto amor lhe tenho... não quero que sofra por minha causa...

– Ouça, João – diz D. Isabel Maria com doçura e mágoa – “eu não me meti em nada. Nunca influenciei a Teresa a tomar tal decisão. Acredite!” Pelo contrário! Acha que alguma vez imaginei ver-me sem a nossa adorável filha?!

Os gritos do Conde assemelham-se ao desencadear de uma grande tempestade. As paredes do quarto parecem rebentar...

Teresa assusta-se... Nunca vira o pai assim... Uma nuvem cinzenta cai sobre o seu coração. Mas não previa ela que tal decisão iria atrair um grande desassossego para si e para toda a família?

Entretanto, chega o António. Vai ao quarto do pai e encontra-o numa grande exaltação, a tremer e a chorar.

– Que diz a isto, António? A Teresa quer deixar-nos. Quer fazer-se freira! Nunca consentirei. Mata-me! É um favor que devo à sua mãe, pela educação que deu à filha! Ela pede-me licença para partir... Não! Não posso. Morro sem ela!...

O António, num esforço em conter as lágrimas, pegando, com amizade, no braço da irmã, leva - a para fora do quarto:

– Teresa, venha comigo! Sabe que sou cristão, que gosto muito de si, mas... o nosso pai não pode ficar doente com estas suas ideias e a nossa mãe nunca se conformará. Nunca mais haverá paz em casa. Pense bem. Ouviu?...



Teresa volta de Paris, triste mas conformada, pois crê que Deus lhe mostra o caminho, através dos acontecimentos.

Depois deste encontro, toda a família sabe do seu projecto. Um grande passo foi dado – no pensar da jovem.

Agora, vai preocupá-la, certamente, o futuro da nova Família Religiosa. O regresso das Irmãs...É preciso preparar tudo ao pormenor. É esta a maneira de ser de Teresa.

– Que alegria! Que felicidade! Estou já a viver o momento da chegada! É certo que os meios são poucos, mas a *Providência Divina nunca falta* e, com a ajuda das minhas amigas, da minha mãe e da Maria conseguirei os meus objectivos, que são os de Deus.

Teresa arrendou um andar situado no mesmo edifício das salas de aula das crianças pobres, nas Portas da Cruz, no Bairro de Alfama, para receber as Irmãs.

– As minhas Irmãs têm que ser acolhidas numa casa muito simples, mas linda e com algum conforto, para bem desempenharem a sua missão. – dirá Teresa.

Este é, para ela, um momento em que sente a presença de Deus.

– Sabes, Maria? – diz à cunhada – Hoje recebi carta da Irlanda. Que alegria! Duas meninas querem juntar-se às nossas Irmãs para tomarem parte nesta grande aventura. Não há dúvida de que Deus *está connosco! Ele nunca abandona os que n'Ele confiam*. Quero que saibas que a Associação Protectora das Meninas Pobres já está organizada, ao meu gosto. A sede da Associação funciona, agora, num bom local, o Largo das Portas da Cruz: aí há um bairro com muita gente pobre...Um trabalho óptimo para as nossas Irmãs! ...



Um dia, a D. Mariana, conhecida de Miss Harriet Martin, foi ter com Teresa... vacilava, com receio de falar. Depois de alguma hesitação, expôs:

– Senhora D. Teresa, o que me traz aqui é, talvez, loucura, – gaguejava – mas... não posso sossegar com o que vi.

– Diz, Mariana, diz! Não tenhas receio!

– Aqui perto, existe uma fábrica onde trabalham duzentas meninas entre os doze e os vinte anos, a fazer botões. Catorze horas por dia! São analfabetas e nada sabem sobre Deus.

– E onde é a fábrica, Mariana?

– Na Calçada do Cascão, junto às Portas da Cruz.

Teresa mostrou-se, ao mesmo tempo, indignada com o que ouviu e interessada por ter aparecido uma nova oportunidade de fazer o bem.

– Como é possível! Mesmo ao lado da escola... da futura casa das Irmãs!

Tantas coincidências, não achas? Parecia mesmo que Deus queria aquela Obra!... Que Deus encaminhava já os passos das Irmãs para fazerem o Bem aos que precisavam!



## **DEUS É A NOSSA FORÇA**

O sol de Outono rompe a custo, entre espessas nuvens, enquanto espera adormecer no horizonte.

12 de Novembro de 1868!

As duas amigas, que regressam da Irlanda, conversam:

– Estamos em frente da barra. Lisboa à vista! Mas... afinal, o barco não deu entrada!... – diz a Irmã Madalena ( no Baptismo Harriet Martin) .

–Irmã, é maravilhoso como tudo aconteceu... Há dois anos atrás, partimos a caminho desta grande aventura. Hoje chegamos, numa felicidade imensa... – comenta a Irmã Maria José com a sua companheira.

– É verdade! As estrelas começam agora a decorar o céu... Parecem querer dizer-nos que chegou o momento de sermos luz... a aquecer corações... – responde a Irmã Madalena.

A noite pareceu, às duas, um brevíssimo espaço para recordar os tempos inesquecíveis de formação, na Irlanda e sonhar com um futuro de entrega a Deus e aos necessitados... E logo se faz manhã.

É o dia 13 de Novembro. A nascente, o sol brilha... brilha... a anunciar alegria...

O Barco fundeia. Vários botes aparecem de todos os lados para levar os passageiros a terra. Num deles, avista-se alguém muito especial, a acenar com um lenço branco...

– Padre Russel! Padre Russel! – grita a Irmã Madalena...

– Olhem, minhas queridas Irmãs!... Hoje é um dia de muita felicidade!... D. Teresa não veio para evitar dar nas vistas... e, por outro lado, está adoentada... – acrescentou.

Imaginarás que a viagem do Terreiro do Paço até às Portas da Cruz foi quase um voo de ave... tal era a ansiedade! ...

Foi mesmo muito rápida... Chegam depressa a casa. Muito depressa!...

Teresa abraça cada uma das Irmãs, com enorme emoção... – *Minhas queridas filhas...* Que momento tão desejado! O meu coração está em festa...

– Teresa, – acrescenta a cunhada – a partir de agora tudo será novo...

– Sim, – continua o Padre – **hoje é restaurada a vida Religiosa em Portugal.**

– Temo a *imensa responsabilidade que cai sobre os meus ombros... mas Deus é a nossa força. Ele nunca falta...* – dirá Teresa.

O sol entrava pelas frestas das janelas... atirando-se, em faíscas, sobre cada uma...

– Queridas Irmãs! Unidas, seremos uma corda de sóis brilhantes, a abraçar o nosso país... o mundo... para comunicar a Boa Nova de Jesus.

Uma breve conversa e todos sobem à capela. Querem agradecer tantos dons recebidos... Pedir o amparo de Deus para a caminhada difícil mas fascinante que se avizinha... Teresa sente - se muito emocionada. As lágrimas escorrem, como cordas húmidas mas incolores sobre um rosto que irradia felicidade...



É agora que se vai construir a Comunidade. Sabes o que significa este termo?

Que as Irmãs vão viver juntas, unidas, que daqui para o futuro, haverá entre elas uma rede de afectos muito grande... Esta amizade vai ser importante para que se sintam bem.

Não têm bens próprios, dinheiro... mas apenas o necessário... e se *algumas vezes faltar não nos devemos queixar*, dirá, muitas vezes, Teresa.

A vida é organizada para o grupo: a oração, o estudo, as refeições, o apostolado, o trabalho, os momentos de lazer... tudo o que cada uma tem ou faz é considerado de todas.

Sentem-se felizes, muito felizes, certas de que *nada se pode comparar à alegria de ser toda de Deus*... A felicidade de cada uma contribui para um ambiente suave, muito agradável. A vida da Comunidade torna-se contagiante.

É natural que, deste modo, atraíssem outras jovens que também queriam ser Irmãs. Assim vão aparecendo algumas... Entre elas salienta-se a Maria Duff, amiga de Teresa, considerada uma jóia... Em breve se distinguirá como excelente educadora, no Colégio de Aveiro. Os seus métodos pedagógicos ainda hoje poderão ser considerados de grande actualidade. Preocupava-se muito com os outros, com as suas necessidades e problemas... A acção educativa e social que desenvolveu tornou-a muito querida e amada pela população da cidade e arredores.

Entretanto outras virão: Portuguesas, Irlandesas, Francesas, Inglesas, Alemãs...

Certamente gostarás de me perguntar: E quem mantinha as Irmãs? Quem pagava as despesas?

Tens razão. Este era um problema bem real...

Teresa tem uma pequena mesada, mas não chega. A mãe ajuda de um modo extraordinário. Depois há esmolas de pessoas amigas, de outras Associações de caridade...

Teresa vai, também, pensando e estudando a forma de construir as regras de vida das Irmãs. Assim aparecem as Constituições. Imagina bem... escritas pelo seu punho.

A nova Família Religiosa chamada *Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena* está, agora, estabilizada.



Entretanto, o Senhor D. João de Saldanha adoece. Teresa passa dias e noites à cabeceira da cama:

– Papá, não imagina quanto gosto de si! – dirá centenas de vezes, enquanto acaricia o rosto de cera do Pai... e chora, sem lágrimas!...

O Conde não fala, mas... dos arquivos da memória, saltarão factos belos passados com a sua adorável princesinha e com toda a sua família tão afectuosa!...

A 27 de Agosto de 1872, depois de alguns meses de sofrimento, parte para Deus.

– *Como a vida é curta!*... Temos que a aproveitar muito bem... – reflecte Teresa.

Ela sofre a saudade... enquanto escuta a voz doce do sentimento e do coração...

Mas a claridade baça da lua ilumina aquela noite e a esperança, como uma estrela, brilha no seu coração de filha.

– Minha Maria, tenho a certeza, a firme certeza, de que *Deus é grande e misericordioso* e que o Pai é feliz!...



Como te disse atrás, de futuro, as Irmãs vão trabalhar nas Portas da Cruz, onde funciona um dos muitos Colégios da Associação. E é aí, sobretudo, que exercem a sua acção evangelizadora e educativa.

Não sei se sabes que, também, nesta época, os pobres viviam com muitas dificuldades. Não havia escolas suficientes. As meninas eram destinadas a donas de casa. Os pais mandavam-nas aprender somente costura, bordados... Por isso, as escolas das Irmãs eram muito necessárias e, também, muito originais... As crianças recebiam uma educação integral: eram instruídas e o seu coração formado para o bem. Aprendiam, ainda, trabalhos manuais, costura, bordados... Os trabalhos eram vendidos com a finalidade de ajudar os seus pobres pais. Temos, aqui, uma novidade: a semente do ensino profissional.

Nas Portas da Cruz, passado um ano, as meninas são já cento e sessenta.

Um dia, Teresa recomenda às Irmãs:

– Nas nossas escolas, *devemos ser mães carinhosas e dedicadas*. As crianças querem interesse... amor... ternura... É preciso estarmos atentas, muito atentas,

sabermos se passam fome... se não têm vestuário... E, quando estão doentes, se precisam de medicamentos.

A Associação das Meninas Pobres pagava a renda da casa e às mestras.

Ah! Esquecia-me de te dizer que várias senhoras e meninas voluntárias trabalhavam nas escolas da Associação. Mas Teresa não se fica por aqui. Um dia, pensa:

– Para que os pobres tenham melhores condições de vida, é preciso evangelizar e educar também todos aqueles que, na sociedade, devem promover os valores da justiça e da paz... Os que fazem as leis... orientam as fábricas... criam as escolas...

– D. Teresa, gostaria imenso que os meus filhos frequentassem uma escola das Irmãs!... – declarou, um dia, uma sua amiga.

– Pode ter a certeza de que irei pensar no assunto.

E, na realidade, este e outros pedidos do género foram comunicados às Irmãs.

Elas aceitaram este tipo de escolas. Assim, nascem os Colégios para outras classes sociais. A primeira é a aula dos rapazes. Outra novidade para a época.

Teresa vai descobrindo e mostrando às suas colaboradoras que *é pela criança, que podemos mudar a sociedade.*



Lembras-te das raparigas da fábrica de botões, descoberta pela Mariana? Teresa vai interessar-se, muito por este assunto. Ela, agora, já pode contar com as Irmãs.

Um dia, encontra-se com uma destas jovens, de rosto macilento, que parecia não ter mais de oito anos mas que movia uma máquina pesadíssima.

– Que idade tens, Lucinda? – pergunta Teresa, colocando as mãos de seda sobre o rosto baço da menina.

– Eu tenho dezasseis anos, minha senhora.

– Como é possível, meu Deus!... E tu já almoçaste? Sabes ler, escrever? Alguma vez tiveste catequese?

E a adolescente, vestida de farrapos... de olhar triste... abanava sempre a cabeça a dizer que não.

– *Pobres crianças! Que miséria! Que dó me faz ver estes rostos...* Temos que as salvar!... – e dos olhos de Teresa saem lágrimas de tristeza, que engole, a custo...

Imagina, só, a coragem!... Imediatamente, resolve ir conversar com o proprietário da fábrica. Vai mostrar-lhe que é preciso melhorar as condições de trabalho destas jovens. E, para que possam aprender a ler e a escrever abre, com as Irmãs, aulas nocturnas. A princípio estavam receosas e, por isso, poucas apareciam mas, passado

algum tempo, estas dificuldades são ultrapassadas e muitas jovens passam a frequentá-las.

Ao Domingo, terão Catequese. Logo aparecem também muitas pessoas adultas, outros jovens e crianças.

Teresa dirá um dia: *O amor nunca descansa...* Por isso, ela não pára. Inventa sempre novas formas de ajudar os mais pobres... os que sofrem...



–“Filha, gostaríamos que as Irmãs entregassem as esmolas da Associação de Nossa Senhora, Consoladora dos Aflitos, aos pobres do bairro de S. Vicente.”

– Ótimo, mamã! É mais uma oportunidade que as Irmãs vão ter para poderem ajudar, catequizar e conversar com os pobres...

Agora voltam-se, também, para os doentes. Visitam-nos nas suas casas, assistem os moribundos, mas... ela quer mais: consegue, mesmo, licença para as Irmãs irem visitar os doentes aos hospitais do Desterro e de S. José.

Não sei se sabes que, na época, os hospitais eram destinados, sobretudo, aos pobres. Por isso Teresa queria muito esta licença.

As Irmãs procuravam dar-lhes carinho, alívio e, também, catequese.

Com todo o seu entusiasmo, ela chegou a organizar uma Associação de senhoras que pagavam uma quota para os doentes pobres.



As Irmãs vão aumentando, as crianças também... e, naturalmente, a casa das Portas da Cruz vai-se tornando pequena. E, ainda por cima, o proprietário quer vendê-la. Imagina o problema!...

Teresa procura a melhor solução. Com a herança do pai e mais algumas economias acaba por comprar, em 1877, uma outra casa espaçosa, com um lindo jardim de canteiros ornados de buxo verde, brilhante....

Ficava situada em S. Domingos de Benfica. Aí é fundado um Colégio, um Noviciado para formar as Irmãs e, ainda, a Casa Mãe, donde Teresa orientava todas as Irmãs.

A Congregação vai agora estender-se. Nesse ano, responsabiliza-se pelo Colégio da Regeneração, em Braga, para recuperar meninas da rua; pelo Asilo das Cegas, em Lisboa...



Um dia, Teresa abre o seu coração a toda a Comunidade:

– Irmãs! Há muitos anos que desejo fazer a minha Consagração Religiosa. É certo que, desde os dezoito anos, pertenço ao Senhor, mas não em compromisso público... na nossa querida Congregação. Têm sido tantos os obstáculos!... Agora,

depois de muito reflectir e de me aconselhar, decidi avançar. É com uma enorme alegria que vejo chegar o momento que sempre sonhei. Já nada me impede: nem a minha família, nem problemas políticos ou económicos... Irmãs! Humildemente peço para ser admitida a iniciar o Noviciado, no próximo mês de Abril, deste ano de 1887.

No dia 18, Teresa recebe o hábito pelas mãos do Padre Russel.

A sua mãe, ao vê-la, tem esta reacção:

– Oh, minha filha! Pareces uma criança. Estás tão bem! Como me sinto feliz!...

– Obrigada, minha querida mãe. Agora é preciso que eu faça parte da Congregação que fundei, pela Profissão Religiosa. Deste modo, a Obra ficará consolidada.

Para isso, logo no dia 2 de Outubro desse ano, Teresa faz a sua Profissão, na capela da Casa de S. Domingos de Benfica.

Com os braços abertos sobre a terra, a abraçar o mundo dos necessitados, ela entrega-se a Deus numa grande paixão de servir o Seu Reino.

Imagino-te a sentir a sua enorme felicidade!...

É verdade. Ela estava a concretizar o maior sonho da sua vida. Era feliz!

Sentia, agora, bem fundo no seu coração, que *nada se pode comparar à alegria de ser toda de Deus...*

No altar, as flores brancas lembram-lhe o dia de luz da sua primeira Comunhão... lembram-lhe a brancura dos céus... aí, os santos cantam unidos um louvor puro, ao único Deus... E ela, como Religiosa, sente-se a viver, na terra, essa vida de eternidade...

Em Novembro do mesmo ano, é nomeada Superiora Geral da Congregação.

É certo que já tinha essa responsabilidade, mas agora é nomeada pela Igreja! Aceita este serviço, com alegria, pois o “ seu desejo é o desejo de Deus”, como costumava dizer.

Nesta altura, já a Congregação está espalhada por vários pontos do país. Teresa quer **FAZER O BEM SEMPRE E ONDE SEJA POSSÍVEL**, mas na perfeição. Por isso, ela não pode dizer que sim a todos os pedidos de fundações que lhe são feitos do país e do estrangeiro, porque as Irmãs são, ainda, muito poucas.



Um dia é chamada ao Palácio da Anunciada. A doença da Senhora Condessa tinha-se agravado.

Sai, rapidamente, a caminho de casa. Emociona-se muito com o aspecto da mãe: aquelas mãos tão ágeis, tão doces... já não mexem... aquele sorriso de luz extinguiu-se. Não quer mais largar o seu quarto... E segreda-lhe, ao ouvido, palavras de muita ternura:

– Mãe querida, quanto lhe devo: sempre me rodeou de tudo, sempre me ensinou a amar a Deus... a amar os pobres... a amar todas as pessoas... Foi ao seu colo que descobri Deus como um Pai cheio de ternura... Lembra-se, mamã, quando me dizia: “Querida, com as visitas que fazemos aos pobres, sentimo-nos mais perto de Deus e desprendemo-nos do mundo e das suas vaidades... A esmola suaviza a sorte do pobre que recebe e torna mais puro o coração do rico que dá...”.

Teresa sofre muito a separação da mãe... mas tem uma certeza: Jesus vai acolhê-la. Ela merece ouvir as palavras de salvação:

– Vem, bendita de meu Pai porque tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber, estava nu e vestiste-me... recebe, agora o Reino preparado, para ti, desde o princípio do mundo.

Era o dia 24 de Abril de 1890.

### **SE A OBRA É DE DEUS NÃO MORRERÁ**

Em 1901, quando tudo parece estabilizar, agrava-se a situação política do país. Muitos consideravam a religião como uma loucura porque impedia as pessoas de conduzirem a sua própria vida... Os votos religiosos eram contrários à liberdade...

Teresa sabe, desde o primeiro instante, que constrói uma Obra, num país em que há hostilidade à Igreja, mas ... avança sempre, numa grande confiança em Deus...

Quando as Irmãs já eram mais de duas centenas, distribuídas por uma dezena de Comunidades, aparece a perseguição.

No dia 10 de Março de 1901, a casa de S. Domingos de Benfica e de Aveiro são apedrejadas, nos vidros, durante toda a noite. Foi um enorme susto. Este era o primeiro sinal de que começara, com muita força, a perseguição religiosa.

Com o Colégio de Santarém, aconteceu o mesmo. As Irmãs tiveram que sair.

Teresa tem consciência da gravidade da situação, mas mantém a serenidade no seu coração e procura tornar sereno o ambiente. Vai perguntando: *Senhor, o que queres de nós? O nosso desejo é, apenas, fazer a Tua Vontade.*

No dia 1 de Fevereiro de 1908, enquanto a Madre Teresa passeava no jardim do Colégio, com uma aluna, a sua sobrinha, também Irmã da Congregação, aproxima-se:

– Que horror! Ai como está o nosso país!

– O que se passa? Conte! Conte, Irmã!

– A nossa grande amiga, a Rainha D. Amélia, sofre, neste momento, um enorme drama: assassinaram, a seu lado, o rei D. Carlos e o Príncipe herdeiro, D. Luís Filipe.  
– Como a poderemos consolar?! Não sabemos onde está, neste momento!...  
Ao ouvir tudo isto, Teresa engole lágrimas de dor...

Os republicanos identificavam a Igreja com o regime monárquico. Por isso, não se fazem esperar novas perseguições.

A 5 de Outubro de 1910, dá-se a revolução. É implantada a República.

Teresa encontrava-se no Sanatório do Outão, perto de Setúbal, com setenta e seis crianças. Aí se viveram momentos de angústia... num grande isolamento... As irmãs vigiavam noite e dia na torre do Sanatório, sempre à espera do pior...

No dia 8, a Madre Teresa sai clandestinamente com o coração despedaçado de amargura, numa noite sem estrelas... A própria lua escondia, debaixo de um véu de nuvem, o seu rosto...

As três Irmãs, que ficam, partem no outro dia. Estas e muitas outras estiveram presas no Arsenal da Marinha.

Teresa repetia:

– *Este projecto não é meu, é de Deus. O meu desejo é fazer a Sua vontade... E se a Obra é de Deus não morrerá...*

São expulsas todas as Ordens Religiosas do país. As Irmãs estrangeiras tiveram de regressar aos seus países de origem... As portuguesas foram acolhidas em casas de familiares ou amigos.

Toda a Igreja, mas sobretudo os Padres e Religiosos são atacados com assaltos, prisões, insultos... Apenas as Irmãs de Braga e dos Cardais puderam continuar a sua missão.

A Madre Teresa, deixando o Outão de noite, chega de madrugada à casa de Benfica. Vê, com dor, as suas filhas obrigadas a abandonar as comunidades.

Ela é a última. Decide levar, consigo, mais duas Irmãs.

– Tia, para onde vamos? – pergunta a Irmã Teresa, filha do José.

– Para casa do teu pai e amanhã voltaremos.

Teresa saiu, assim, de Benfica, sem nada, aos setenta e três anos, com esperança de voltar.

– Meu Deus! Tudo disperso... Tudo roubado... mas *Tu, Senhor, só Tu és a nossa esperança e a nossa força. O nosso refúgio e guia.*

Procurou, depois, abrigar-se no Palácio da Anunciada. Aí foi cercada de carinho e amor pela cunhada e outros familiares... Entretanto, uma bomba rebenta no jardim...



– E, agora, para onde devemos de fugir? – pergunta Madre Teresa às outras duas Irmãs.

– Madre, não sabemos... Vamos procurar um hotel? ...

– Sim. E os meios?... Não temos nada...

No dia 22 de Dezembro, na calada da noite, saíram para um hotel muito pobre de Lisboa. Aí passaram a noite de Natal, desse ano. Agora, vêm-lhe aos lábios as palavras tantas vezes repetidas: *O meu desejo é ser uma criança nas mãos de Deus. Estou pronta absolutamente pronta para fazer o que Ele desejar e seguir a Sua voz.*

Teresa sofre sempre, com paciência. Nesse dia, escreve a uma Irmã que partira para o Brasil: *Pedimos ao Menino Jesus que nos abençoasse e me dê coragem para sofrer com paciência este tão grande desgosto de estar extinta uma Obra na qual empreguei trinta anos de trabalho!... Não disse bem. A Obra não está extinta, pois é de Deus e Ele protege-a.*

Entretanto, alugam uma pobre casa, na rua Gomes Freire, 147, em Lisboa. É aí que passa a viver com a sua sobrinha e a Irmã Maria da Graça. É daí que passa a orientar a Congregação.



Teresa disse, um dia:

– *Tenho fé que estas tribulações são raízes bem profundas que deita esta Obra de Nosso Senhor...*

E ela tinha razão: aquilo que parecia ser o fim de toda a Obra não era mais que um impulso de crescimento. As Irmãs estrangeiras, ao saírem para os seus países, levam, consigo, a Congregação.

Teresa mostra, agora, uma grande coragem, serenidade... Entrega tudo nas mãos de Deus...

Nesta altura, manifesta a mesma frescura com que aos vinte e nove anos enviara as Irmãs para a Irlanda.

– *Esta Obra é Obra de Deus... Ele olha-me sorrindo para me dar força e eu havia de perder a coragem?*

*Fazer a vontade de Deus, na hora de êxito ou de aparente fracasso, é o seu grande anseio.*

A pequenina árvore vai, agora, estender os seus ramos... Em 1911 já havia fundações na Bélgica, no Brasil e nos Estados Unidos ... As vocações vão aparecendo, em grande número. O Noviciado é transferido para Espanha.

Teresa continua a orientar a Congregação a partir da sua pequenina casa, na Avenida Gomes Freire.

– Madre Geral, em breve, voltaremos a Benfica, não é verdade? – pergunta a sobrinha.

– É natural. Tudo está registado em meu nome pessoa!...

Só acredita que isso não acontece quando tem notícia da venda do recheio da casa.

Mas ela nunca desanima:

– *Quanto mais dificuldades vejo, mais paciência tenho para lutar.*



Teresa de Saldanha ama a vida. Tem uma imensa confiança em Deus, mas o desgaste dos muitos trabalhos e preocupações faz-se sentir. Nos primeiros dias de Janeiro de 1916, a Madre Teresa continua a trabalhar normalmente, embora sentindo uma sonolência invulgar.

Pelas três horas da madrugada, do dia 8, a Irmã Maria da Graça ouve um ruído. Interroga-se:

– Meu Deus!... A Madre estará pior?...

Foi ao seu quarto. A respiração sumia-se... o pulso apagava-se... Adormeceu, na terra dos homens... Acorda, agora, nos braços de Deus. A lâmpada brilhou até se consumir, totalmente, pelos outros...

Teresa tinha repetido muitas vezes: *O pensamento da morte como meio de ficar mais cedo unida a Jesus, encontra um sorriso nos meus lábios...*

Lá fora, a chuva miudinha de flores brancas tinha deixado de cair... um raiozinho de luar parecia, agora, teimar em aquecer corações despedaçados pela dor...

Tudo isto é maravilhoso, não achas?

A Madre Teresa parte desta terra na pobreza. Não tem nada de seu... ainda jovem, renuncia à grandeza do Palácio... com a revolução, tudo lhe é tirado... a casa onde vive é pobre e alugada... À partida, bem poderá repetir: *Deus é o meu único tesouro.*

Uma vida destas é impressionante para o nosso mundo que só pensa no dinheiro!... nos bens materiais!... – concluirás.



A Madre Teresa desaparece desta terra, mas a chama que acendeu, com a sua vida, não se apagou. Ela transmitiu-a, vivamente. Dos céus, envolvida na Luz de Deus, olha agora feliz o fruto dos seus trabalhos, nas Obras que deixou... noutras que se levantaram... no germinar desta grande sementeira que se expande pelo mundo...

Hoje, vive na acção das Irmãs e dos Amigos que continuam a sua missão, aquecendo o Mundo com o calor do coração... cuidando de toda a pobreza: dos que não têm pão... dos que não têm família... dos que não têm cultura... dos que não têm Deus ou o desconhecem...

Hoje, espalhando a semente do Evangelho... ao jeito de Teresa, abrem caminhos para um Mundo Novo de PAZ, de JUSTIÇA, de AMOR..

### Dobra da contra capa

Teresa de Saldanha passou a sua vida a fazer o Bem. Todos o reconheceram.

Por isso, terminada a sua vida temporal, muitos sentiram uma grande dor. O Senhor Cardeal Patriarca, uma multidão de Irmãs, amigos e protegidos acorreu ao seu funeral.

Todos desejavam tocar na “Santa Teresa de Saldanha”, como diziam.

No dia 6 de Novembro de 1999, depois de analisados os seus escritos, expressão da sua vida de santidade, foi aberto o Processo de Canonização que aguarda decisão..

*Queres juntar-te ao número dos  
seus amigos?*

*Se receberes graças por seu  
intermédio contacta:*

*AMIGOS DE TERESA DE  
SALDANHA*

*Largo de S. Domingos de Benfica, 14  
1500-554 - LISBOA PORTUGAL*

*Tel. 21 774 08 13 - Fax 21 774 25 39*

*E- mail: dominicanasbenfica @  
mail.telepac.pt*

*[www..teresadeSaldanha-  
irmasdominicanas.pt](http://www..teresadeSaldanha-<br/>irmasdominicanas.pt)*

- 1837 4 de Setembro – Nascimento  
5 de Setembro – Baptismo  
na Capela do Palácio da Anunciada
- 1848 Primeira Comunhão na Igreja  
dos Inglesinhos
- 1852 Adoece gravemente.
- 1855 *Sente o primeiro grande apelo a  
seguir a Jesus.*
- 1864 *Uma doença grave marcou a sua  
vida.*
- 1866 7 de Novembro – Partida das  
primeiras vocacionadas para a Irlanda.
- 1868 25 de Fevereiro – Profissão  
Religiosa das primeiras Irmãs da  
Congregação, na Irlanda
- 1868 13 de Novembro Regresso das  
Irmãs a Portugal e abertura da primeira  
Comunidade em Lisboa.
- 1887 18 de Abril - Tomada de Hábito  
2 de Outubro - Profissão Religiosa  
9 de Novembro - Foi eleita primeira  
Superiora Geral da Congregação.
- 1892 2 de Outubro Profissão Perpétua

*1910 Implantação da República  
Expulsão das Irmãs das Casas Religiosas  
e expansão.*

*1911 Refugia-se numa casa na Rua  
Gomes Freire em Lisboa, de onde orienta  
a Congregação.*

*1916 8 de Janeiro Parte para  
Pai, com 78 Anos .*

*Foi Sepultada no Cemitério de Benfica,  
Lisboa*

Se quiseres conhecer melhor Teresa de Saldanha  
podes consultar as obras seguintes:

**ARANTES HERMETÉRIO**, D. Teresa Rio Maior, Lisboa 1916

**FILIFE NUNO**, Teresa de Saldanha, Uma vida para os outros , Lisboa, Lisboa 1990

**NICOLAU RITA MARIA LOURENÇO**, Uma vivência Cristã no Feminino, Centro de Public. Universidade Católica Lisboa, 1996

**SALDANHA TERESA**, O Único Amor – Antologia, Lello Editores, Porto, 1998

**SALDANHA TERESA**, Deseje sempre mais – Pensamentos Ed. Paulinas, Lisboa, 2000

**SOUSA** José Pedro de Saldanha Oliveira e Sousa, Conde de Azinhaga, D. Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), Tipogr, Ingesa Ld, Lisboa, Lisboa, 1949

**THIAUCOURT** Maria Rosa, Madre Teresa de Saldanha, Lisboa 1923

**VIDAL D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA**, Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas, Escola Tip., Cucujães, 1938

**FALTA O COMENTÁRIO DE  
MARIA ROSA COLAÇO – VAI  
EM BREVE**

